



UM OLHAR TEOLÓGICO SOBRE A POÉTICA DE AUGUSTO DOS ANJOS

A Theological Look at the Poetics of Augusto dos Anjos

Rafael Omar Nachabe*



* Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista do Cariri (FBC), Pós-graduando em Teologia Bíblica pela mesma instituição) e-mail: rafaelomarx@hotmail.com

RESUMO:

Uma premissa básica desse artigo é a de que no literário, frequentemente, é exposto um discurso teológico; seja de afirmação ou de negação em relação à divindade. Pretende-se explorar de maneira introdutória a poética do escritor brasileiro Augusto dos Anjos (1884-1914) utilizando-se do horizonte interpretativo teológico. Essa pesquisa atém-se à interpretação temática da poética anjiana partindo do campo interdisciplinar Teologia e Literatura. Por meio de uma antropologia literária, busca-se o discurso do sagrado traduzido em simbólico. Indica-se uma polifonia do sagrado na estética do poeta, lançando-se, assim, luz sobre as interpretações já postas pela fortuna crítica.

PALAVRAS-CHAVE: Teologia; Literatura; Poética; Anjiana.

ABSTRACT:

A basic premise of this article is that in the literary, often, a theological discourse is exposed; whether of affirmation or of negation in relation to the divinity. It is intended to explore in an introductory way the poetics of the Brazilian writer Augusto dos Anjos (1884-1914) using the theological interpretive horizon. This research is concerned with the thematic interpretation of anjian poetics from the interdisciplinary field of Theology and Literature. Through a literary anthropology, the discourse of the sacred translated into symbolic is sought. A polyphony of the sacred is indicated in the aesthetics of the poet, throwing up so light on the interpretations already put by the critical fortune.

KEYWORDS: Theology; Literature; Poetics; Anjian.

1 - INTRODUÇÃO

O objetivo do presente estudo é analisar a poética de Augusto dos anjos por lentes teológicas. Para isso, discute-se de maneira geral como tal interdisciplinaridade (Teologia e Literatura) pode ser aplicada, bem como, algumas maneiras de ser abordada. Restringe-se a analisar parte da obra do poeta paraibano de maneira temática apontando caminhos para futuros estudos. Em relação a outras áreas de Pesquisa, a abordagem do recorte Teologia e Literatura no Brasil, é recente. Seu escopo de pesquisas ainda não atingiu seu primeiro centenário. Isso pode ser percebido na própria indefinição quanto à nomenclatura da escola (Teologia e Literatura ou Teopoética?). As indefinições, de igual modo, atingem suas bases conceituais e ferramentas hermenêuticas.

Portanto, há um grande campo para contribuições futuras. Cantarela (2014, p.2) fez uma pesquisa acerca da produção de material pela Teopoética, termo usado por ele em sentido genérico. Estima que no Brasil este tipo de pesquisa está em voga por volta de trinta a quarenta anos. Ele demonstra, através de seu artigo, que os pesquisadores abrangiam as áreas da Teologia, de Letras, bem como Ciências da Religião. Grandes nomes da literatura nacional ainda não foram abordados em pesquisas dessa área. Há uma lacuna na análise da poética de Augusto dos Anjos, quanto à abordagem da religiosidade contida em suas poesias. Tal fato é rastreado pelo autor ao quantificar os autores analisados por essa área de pesquisa. Até 2014, Augusto dos Anjos não figurava em nenhum desses estudos.

2 – TEOLOGIA E LITERATURA

O escopo dessa pesquisa dá-se, especialmente, pelo estudo da literatura a partir da teologia. Essa área tem sido denominada Teopoética, Teologia e Literatura, Correlação, Perspectiva Mística, entre outras nomenclaturas (MANZATTO, 2016, p. 2). Seu título pode, por vezes, especificar os pressupostos e a metodologia do pesquisador, por isso, é preferível trabalhar com o termo *Teologia e Literatura*, por parecer a nomenclatura mais

livre de pressupostos. Claramente: “[...] há uma afinidade constitutiva entre teologia e literatura.” (BINGEMER, 2015, p. 16). Entretanto, os pontos de contato alistados pela autora menosprezam as reivindicações da teologia de ser revelação do próprio Deus através das Escrituras. A inspiração, como admite-se, não é da mesma natureza na teologia e na literatura.

Algumas abordagens podem ser adotadas pelo pesquisador dentro desse escopo teórico. Manzato (2016, p. 15), por exemplo, cita dois caminhos pelos quais os estudos literários em relação à teologia podem prosseguir: “[...] aquele de ler a Escritura com as ferramentas de análise literária e aquele de tirar de textos literários elementos para a confissão de fé”. Outra proposta de leitura teológica dos textos literários traria uma: “[...] hermenêutica transtexto-discursiva, que permite a análise religiosa da presença de textos sagrados no seio de textos literários [...]” (SILVA, 2015, p. 6) Não apenas textos, mas pode-se pesquisar discursos religiosos na literatura, uma vez que o homem sempre está acolhendo ou rejeitando a religiosidade.

Dentro desse escopo, além da textualidade, busca-se discursos religiosos na literatura. Barcellos (2008, p. 293) destaca dois passos que podem ser nessa área de conhecimento: “O primeiro é aquele que se detém ante a presença de temas religiosos e também teológicos na literatura [...]”, e, “[...] o estudo de uma obra literária que se limita a buscar na teologia algum conceito que sirva de instrumento hermenêutico na leitura da obra em questão”. Ao analisar a poética de uma obra escrita sem propósitos sacros, o presente estudo atém-se ao primeiro passo supracitado: analisar os temas religiosos na poética anjiana¹.

A antropologia é o ponto onde a teologia e as literaturas se tocam, já que é o homem que faz literatura, e se expressa por meio de palavras; e, é ali que a teologia passa a fazer sentido para ele. Ao tratar de sua posição, Manzato (2016, p. 12) diz: “Uma e outro preocupam-se em compreender e afirmar o sentido da vida humana, que eu chamei de antropologia, e é nisso que se tocam”. Tendo como objeto de interesse o homem,

¹ Adjetivo que caracteriza a obra do poeta brasileiro Augusto dos Anjos.

Teologia e Literatura convergem. Sendo o homem um ser religioso, toda literatura, na medida em que é feita por um homem e fala de um homem, fala sobre Deus. Na livre destruição e reconstrução de sua realidade, o autor, projeta o conjunto de sentidos que lhe importam, ou, a falta deles.

Pode-se falar de uma antropologia literária, lidando com as imagens evocadas pelos textos, sendo essas provenientes da imaginação de um ser humano, e sobre seres humanos. Logo, esse “homem imaginário”, seria aquele reconstruído a partir das imagens poetizadas pelo autor em sua obra. Ali, ele fala de si mesmo, e dos que o circundam. Ali se expressa sua humanidade e a humanidade alheia: “As imagens literárias que surgem no texto, não nos irão dando uma verdade histórica do homem, mas uma verdade simbólica [...] o homem simbólico, configurado pelo esforço constante e universal dos artistas de todos os tempos.” (BLANCH, 1992, p. 12).

Busca-se tais simbolismos por meio de mecanismos linguísticos. A intertextualidade popularizou-se como uma abordagem ao texto que alonga os horizontes interpretativos. É mais que literatura comparada, pois, além de paralelos literários, a Literatura (por toda sua dimensão interdiscursiva e interdisciplinar) mantém uma relação intrínseca com diferentes instâncias da cultura humana. Ao invés de intertexto, Moisés prefere falar de interdiscurso: “A lógica do discurso monológico é a lógica formal e aristotélica, enquanto a do discurso dialógico é a lógica correlacional.” (1978, p. 23), complementa: “Cada obra surge como uma nova voz (ou um novo conjunto de vozes) que fará soar diferentemente as vozes anteriores, arrancando-lhe novas entonações.” (MOISÉS, 1978, p. 25).

O interdiscurso é caracterizado por ser um processo em que uma formação discursiva incorpora constantemente elementos pré-construídos, que são produzidos fora dela e, a partir dessa incorporação, ele é redefinido e redirecionado, suscitando igualmente o chamamento de seus próprios elementos para constituir sua repetição. Porém, nesse processo, muitas vezes, ocorre o apagamento, o esquecimento ou mesmo a denegação de determinados elementos.

O interdiscurso é aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Entendido como o que chamamos memória discursiva: saber discursivo que possibilita todo dizer retornando sob a forma do pré-construído, do já-dito que se encontra na base do dizível, apoiando cada tomada da palavra. Então o já-dito em contexto e momento diferentes, em certo sentido, causa influência naquilo que se diz no agora. Assim, tanto o intertexto quanto o interdiscurso movem relações de sentido. (MOISÉS, 1978, p. 24).

A teoria da polifonia enunciativa aplicada ao romance por Bakhtin e ampliada por Ducrot defende que em cada discurso há: “[...] pelo menos dois enunciados, E1 e E2, que representam, encenam perspectivas, ângulos, pontos de vista diferentes a um dos quais o locutor (L) adere.” (KOCH, 2012, p. 46). Seguindo Leyla Perrone Moisés (1978, p. 22): “As personagens dos romances começam a representar diferentes ‘vozes’ não unificadas por uma verdade englobante, de ordem ideológica [...] ou de ordem psicológica [...]”. A ordem ideológica é aquele conceito que o autor quer defender dentre as vozes conflitantes. A ordem psicológica é a explicitação de sua própria teoria pessoal, por vezes de modo não explícito envolve, aqui, o aspecto emotivo; e por vezes, sustenta a própria contradição de vozes na psicologia do autor.

Esse conceito de polifonia extrapola a intertextualidade. Pois, nem sempre o autor se remeterá a outros textos a fim encenar as vozes de seu texto. Entretanto, a polifonia² pode ser pesquisada numa poética através da intertextualidade interna, analisando temas recorrentes na poética e como o autor lida com esses; seria, desse modo, uma intratextualidade.

As vozes religiosas entoadas na poética anjiana deverão ser investigadas, partindo-se da busca do discurso sagrado no texto, bem como, buscando-se a voz que incomoda, por meio do questionamento e da subversão dos símbolos religiosos. A busca pelo sentido e resposta às perguntas fundamentais da vida é: “[...] a motivação primária em sua vida, e não uma ‘racionalização secundária’ de impulsos instintivos [...] esse

² Explanando a teoria de Ducrot, Koch (2007) elenca os seguintes índices de polifonia: A negação, a pressuposição de verdades, operadores argumentativos (p. ex.: “Pelo contrário”), futuro do pretérito servindo como metáfora temporal, adversativas, conclusivas, aspás (itálico). (p. 80-83).

sentido assume uma importância que satisfará sua própria vontade de sentido.” (FRANKL, 2015, p. 124-125).

Variados, igualmente, são os meios empreendidos nessa busca; os caminhos de transcendentalidade trilhados pelo homem podem ser vários: “A experiência existencial pode ser física, social, moral, metafísica ou religiosa. A religiosidade em si está intimamente relacionada com a experiência, no caso, com o sagrado.” (SILVA, 2014, p. 36) Logo, ao ser abordar um conto, poema, pode-se indagar ao texto onde o autor está procurando as respostas para as perguntas fundamentais da vida. E quais são as possíveis respostas às quais ele consegue chegar.

Frankl (2015, p. 126) fala de frustração existencial, que pode ser proveniente de várias distorções internas quanto ao modo de ser, ou uma frustração na busca do sentido. Na maioria das vezes, a busca pelo sentido será descrita em termos negativos: angústia, ansiedade, perguntas sem resposta. O homem que está diante dessa frustração rapidamente encontra substitutos para o sentido: “Existem ainda diversas máscaras e disfarces sob os quais transparece o vazio existencial. Às vezes, a vontade de sentido frustrada é vicariamente compensada por uma vontade de poder [...] vontade de prazer.” (FRANKL, 2015, p. 132).

O que pode causar um distúrbio na busca do homem pelo sentido é o sofrimento, mas não somente esse, a morte também. Tais frustrações de perspectivas ilusórias, quando assimiladas, podem ajudar o indivíduo contemporâneo a entrar verdadeiramente em contato com a realidade, tal qual o cego que aprende que no meio da rua há um poste. (VILLAS-BOAS, 2017, p. 14) O ser humano toma consciência de sua condição e que lhe obriga a mudar o seu olhar sobre a realidade de si e de seu entorno.

Em seguida, necessitamos definir poética. Há uma apreensão geral e uma específica para esse conceito. A poética visa esclarecer suas características gerais, a sua literalidade, criando conceitos que possam ser generalizados para o entendimento da construção de outras obras. Além disso, a poética também pode indicar um ato poético em si, como uma ressignificação semântica de determinados elementos, normalmente

ligados à palavra e seu significado dentro de um contexto, mas passível de ser aplicável também a qualquer outro objeto ou entendimento em que se possa ressignificar um valor já atribuído, dando novos sentidos. A poética se forma justamente na flexibilização da realidade no exercício da flexibilização da linguagem. As palavras ainda não apenas criam e conferem a realidade, mas também podem ser utilizadas como defesa de uma realidade.

No E-Dicionário de Termos Literários em que encontramos a definição que nos guia como modo de entender certa literatura poética, define: “[...] determinado entendimento de poesia [...] característico de certo autor, época ou gênero literário, depreensível das obras por meio de análise, donde expressões como ‘poética de Gonçalves Dias’[...]” (CEIA, 2017). Por conseguinte, tal definição pode ater-se apenas à interpretação que se dá a um autor. Mas, a ampliação dela serve melhor ao nosso estudo: “A palavra designa poemas em que um poeta expõe, em tom de manifesto, seu modo específico de conceber e praticar a poesia, podendo tais poemas receber títulos variados ou a denominação explícita de ‘poética’”. (CEIA, 2017).

Podemos encontrar parte do autor em sua obra: “Um homem tem o ímpeto de se tornar artista porque ele necessita encontrar a si mesmo. Todo escritor tenta encontrar a si mesmo através de suas personagens em todos os seus escritos” (SIMENON apud LITERATURA, 2010, p. 5). Uma outra ferramenta interpretativa elencada para nosso propósito aqui é mencionada por Ferreira Gullar, especificamente, atento à obra do poeta paraibano: “[...] distingo dois tipos de poemas: aqueles em que o poeta expõe uma ideia determinada, um conceito, e aqueles em que indaga, poemas que são como processo dialético de indagação, expressão de perplexidade do poeta.” (1995, p. 55). De outra maneira, pode-se dizer que há poema em que ele expõe seu fazer poético, e noutros, tenta entender a vida. Nalguns afirma, noutros indaga. Portanto, estudar a poética de Augusto dos Anjos, tanto envolve o aspecto formal com o qual ele lidou com as palavras a fim de expressar o seu pensamento, como rastrear suas concepções de vida e de Deus nos seus poemas.

3 – ANÁLISE TEOLÓGICA

Nesse último momento traremos os conceitos e possibilidades anteriormente abordadas para o caso concreto da poética de Augusto dos Anjos. Sua obra é curta, e relativamente fácil de ser lida e pesquisada. Augusto dos Anjos se apresentou como o poeta ideal para ser aplicada tal possibilidade. Sua obra é efêmera, como a sua vida, não pelo impacto, mas por sua duração, ofereceu-se como uma chama ideal de observação.

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos (1884-1914), nasceu e cresceu no município Cruz do Espírito Santo, Paraíba³. No contexto sertanejo, sua família era proprietária de dois engenhos de cana-de-açúcar, cognominados: Coité e Pau d'Arco. Com a queda do preço da cana e da aguardente, os dois engenhos seriam posteriormente vendidos. (GULLAR, 1995, p. 32) Entra na Faculdade de Direito em 1907. Casou-se com Ester Fialho com quem teve dois filhos, o terceiro nasceu morto (fato esse aludido em uma de suas poesias). E, ainda em Recife assume o cargo de professor no Liceu Paraibano. De lá, transfere-se para o Rio de Janeiro por questões de saúde. Ainda mais debilitado, falece em Minas Gerais (1914) onde havia assumido o cargo de diretor de um grupo escolar. Quando no Rio de Janeiro, em 1912, compilou suas poesias e publicou com financiamento de seu irmão Odilon o livro *Eu*, numa tiragem de 1000 exemplares. (BUENO, 2012, p 4) Em 1920 (pós-mortis) seu amigo Orris Soares une outras poesias ao “*Eu*”, ficando: “*Eu*, e outras poesias”.

Conhecido como “poeta da morte”, ou, “poeta da putrefação”, apresenta-se na literatura brasileira como um dos seus escritores mais originais. Isso representado em seu modo de enxergar o mundo, de encarar medos profundos, descartando o cinismo, e tomando até o fim “o cálice da sua dúvida”. O de seus principais estudiosos, Alexei Bueno, propõe a linha tradicional de abordagem interpretativa à poética anjiana, definindo Augusto dos Anjos como: “Materialista, acreditando racionalmente em um evolucionismo panteísta onde só a generalidade das formas progredia e sobrevivia, o poeta era obrigado a conscientemente se tomar por um efêmero” (BUENO, 2012, p. 17).

³ “Ele era extremamente precoce, e aos 17 anos já conhecia seis idiomas.” (MARGUTTI, 2013, p. 37).

Foi uma singularíssima *persona* no cenário da literatura brasileira: “Augusto dos Anjos (1884-1914) foi também um marginal, não pela conduta, mas pela singularidade do seu único livro, *Eu* (1912). São poemas, na maioria sonetos, quase únicos na literatura brasileira.” (CANDIDO, 1999, p. 60). Não há consenso quanto a sua escola literária, pois Augusto dos Anjos é: “[...] o poeta pré-modernista ao qual não se consegue atribuir, até hoje, um lugar historicamente correto, entre o fim da poesia simbolista no Brasil e os primeiros sinais de uma poesia moderna que só nascerá em 1922 [...]” (GULLAR, 1995, p. 11).

A título de exemplificação, a apostila de literatura da UTFP defende: “No Pré-modernismo, o gênero predominante foi a prosa. No que diz respeito à poesia, observa-se a permanência dos estilos anteriores, exceção feita a um poeta: Augusto dos Anjos. Seu único livro – *Eu* - mostra uma poesia pessimista [...]” (LITERATURA, 2010, p. 175). Entretanto, Mariani defende outro ponto de vista: “No Parnasianismo encontramos o poeta Augusto dos Anjos, torturado pelos problemas que tinha em vida e pela morte de um dos filhos, desabafando com Deus. Apesar da vida difícil que o poeta teve [...] não abdica de Deus em seu coração.” (MARIANI, 2012, n.p.) Gullar admite um meio-termo entre parnasianismo e simbolismo na sua classificação literária: “Do parnasianismo, Augusto herdou, sobretudo, o verso conciso, o ritmo tenso e a tendência ao prosaico e ao filosofante; do simbolismo, além do gosto por palavras-símbolo com maiúscula, o recurso da aliteração [...]” (GULLAR, 1995, p. 22).

A obra poética de Augusto dos Anjos pode ser dividida em três fases: a primeira de 1901 a 1905; a segunda, de 1905 a 1910; e a terceira, de 1910 a 1914. (GULLAR, 1995, p. 51). A abordagem interpretativa não pode descartar a aproximação biográfica. O entendimento do autor e de suas experiências de vida pode ajudar num entendimento melhor do que ele escreveu. Faremos isso sem, entretanto, cair no que Oliveira chama de biografismo com o qual sua obra é frequentemente abordada: “é tão exacerbado que chegou a criar um verdadeiro mito, suposta chave de interpretação da sua poesia: a tuberculose [...] da qual ele, de fato, jamais sofreu.” (OLIVEIRA, 2008, p. 12)⁴.

⁴ “De acordo com o atestado de óbito, assinado pelo Dr. Custódio Junqueira [...] o poeta foi acometido por uma pneumonia fatal.” (FRANCO, 2000, p. 33).

Em Recife, Augusto dos Anjos entra em contato com várias correntes de teorias científicas: “Lendo Spencer convenceu-se de que a ciência é incapaz de penetrar as essências das coisas – o incognoscível –, a realidade absoluta que seria a fonte de todo o conhecimento humano.” (GULLAR, 1995, p. 18) Esse contato com novas correntes filosóficas e com novo vocabulário influenciou profundamente sua poética: “A utilização de um vocabulário repleto de termos científicos e técnicos é responsável por uma poesia estranha, inédita em nossa literatura, que certamente chocou o público acostumado à elegância parnasiana.” (LITERATURA, 2010, p. 175).

Ele utiliza de vocabulário cientificista sem ser pedante combinando o peso das palavras com o peso do assunto que ele está tratando: “[...] a disputar o poético à podridão dos cemitérios e à vulgaridade dos prostíbulos, a mesclar a beleza ao asco e, como uma espécie de defesa, a armar-se de um vocabulário ‘científico, prestigioso [...]’” (GULLAR, 1995, p. 36). Unem-se, portanto, influência de uma atmosfera cientificista e filosoficamente pendida ao evolucionismo, com as influências poéticas de Baudelaire (França) e Antero de Quental (Portugal) em sua escrita.

A imagem que mantemos no nosso imaginário de Augusto dos Anjos é a do poeta pessimista, o amante da morte e da putrefação. Muitas vezes é retratado andando entre os sepulcros e com um urubu a tiracolo. Alguns críticos têm abordado sua poética em termos de um materialista decepcionado. Alguém que olha para o mundo fechado e não encontra respostas para suas indagações. Assim, ele apela para uma linguagem mística em sua perplexidade. Margutti expõe que, mesmo que essa seja a interpretação acertada, ainda, o estudo por parte da Teologia e Literatura é viável, pois há uma presença divina em Augusto dos Anjos, mesmo que essa seja expressa em falta. (2013, p. 26). Além disso, não há somente uma ateologia nessa poética: “Augusto dos Anjos era de fato um pensador profundamente religioso. Iremos defender a ideia de que ele não era um místico sem Deus, mas sim um místico com Deus.” (MARGUTTI, 2013, p. 26). Nessa análise do arcabouço emocional e filosófico de Augusto dos Anjos segue-se duas opiniões conflitantes nos estudos da literatura brasileira: a poética anjiana como cética e deprimida,

ou, a poética anjiana como fruto do conflito interior no escritor de seu ceticismo e seu misticismo. Tais opiniões serão representadas por Bueno (2012), e Verucci (2012). A apropriação de interpretações conflitantes não é antitética, pois entende-se o homem como ser complexo e com manifestações culturais complexas. Portanto, o poeta Augusto dos Anjos pode comportar pessimismo e otimismo, dúvida e crença. Tal dialética impede o reducionismo do autor e instiga uma abordagem mais completa do poeta paraibano.

Sua principal obra traria esse aspecto uniformemente pessimista porque “A maioria dos poemas otimistas foi excluída por Augusto dos Anjos durante a seleção para a edição do Eu.” (ALMEIDA, 2013, p. 3) Almeida Verucci enxerga que essa seleção não foi feita por desgosto posterior com seus próprios poemas, entretanto, referia-se a motivos mais práticos. Primeiramente, a limitação da impressão, como exposto, sua obra foi financiada por seu irmão e com uma tiragem bem limitada. Outro motivo pode ter sido a intenção de lançar uma concepção nova de poesia, incluir poemas otimistas destoaria do restante da obra. (2013, p. 3).

O autor, em seu estudo, destaca três temas esquecidos nas leituras de Augusto dos Anjos: amor, Deus, e, esperança⁵. Aponta que Augusto nunca abandonou o círculo da igreja católica, entretanto, rezava e chegou a praticar espiritismo em sua casa no Pau d’arco, sendo proibido posteriormente por sua esposa. (ALMEIDA, 2013, p. 7). Sua religiosidade sempre aparecia pungente na sua vida, sendo pluriforme: “Ainda há traços sob o prisma cristão católico, budista, materialista e até sob a vertente do espiritismo [...] o conhecimento de doutrinas diferentes é justificável por haver na biblioteca particular de seu pai livros sobre várias religiões [...]” (ALMEIDA, 2013, p. 8). Era bem ativo na comunidade católica: “Augusto dos Anjos quem puxava a ladainha em latim, cantando com entusiasmo.” (MARGUTTI, 2013, p. 40). E, até no leito de morte ele solicitou ao padre uma última confissão.

Um aspecto primordial em Augusto dos Anjos é o desamparo do homem diante dum universo que envelhece e morre: “Sua temática gira quase sempre em torno da

⁵ “Caio de joelhos, trêmulo...Ofereço / Preces a Deus, de amor e de respeito.” (ANJOS, 2012, p. 106).

fugacidade da vida, de sua nulidade, e do sofrimento que essa última pode causar ao homem.” (CANDEIAS, s.d., p. 1) Em seu aviso ao mundo, a formulação poética de tais dores era necessária: “A poesia de Augusto dos Anjos é fruto da descoberta dolorosa do mundo real, do encontro com uma realidade que a literatura, a filosofia e a religião já não podiam ocultar.” (GULLAR, 1995, p. 29).

Agora há a análise de alguns poemas selecionados de sua obra. Deve-se diferenciar entre poesia e poema. Poesia, como foi exposto anteriormente engloba vários gêneros literários; o poema, entretanto, é uma materialização específica da poesia. Pois, pode haver poesia em prosa ou outras manifestações, e, do verso se pode escrever outra coisa que não poesia. (CANDIDO, s. d., p. 14).

Mais especificamente, ater-se-á a forma soneto. Um instrumento dito italiano, apto pela sua estrutura a exprimir uma dialética; isto é, no caso, uma forma ordenada e progressiva de argumentação. Este soneto obedece ao modelo clássico. Composto em decassílabos, obedece ao esquema de rimas ABBA, ABBA, CDC, DCD. Isto permite a divisão do tema e a constituição de uma rica unidade sonora, na qual a familiaridade dos sons e a passagem dum sistema de rimas a outro ajuda ao mesmo tempo o envolvimento da sensibilidade e a clareza da exposição poética (proposição, conclusões). (CANDIDO, s. d., 2014).

Percebe-se a beleza indiscutível e a profundidade de conceitos que quase imperam sobre o segundo terceto dos sonetos do poeta paraibano, um de seus biógrafos sinalizou que por vezes ele iniciava seus sonetos a partir daí, construindo tudo sobre essa ideia inicial. D. Milano destaca que: “[...] o soneto é uma forma arquetetural (sic). Todo ele repousa sobre a base. Pode-se dizer que quem escreve um soneto tem sempre o último verso em mira.” (LEÃO, 1941, p. 266).

Em seu poema mais conhecido, percebe-se como nele o autor expõe vividamente sua imperante ideia poética:

Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão - esta pantera -
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija! (ANJOS, 2012, p. 104)

Ao analisar o poema, Candeias (s.d.) identifica um tema próximo à figura de Hobbes, em sua filosofia do contrato social: “[...] as figuras utilizadas por Augusto dos Anjos são muito semelhantes às do filósofo do contrato social: pantera e fera – lobo pode ser considerado como uma fera.” (p. 3) Esse poema constrange o leitor com a inescapabilidade de que as coisas aconteçam assim. Todas as coisas fogem ao ser humano, menos o que lhe é pior: a ingratidão. Diante de um mundo de ingratidão o homem conforma-se a ser ingrato como resposta.

O mesmo autor propõe uma interpretação dupla: “[...] as figuras do escarro e do apedrejamento, antecedidas pelo beijo e o afago, podem ser tanto interpretadas como a ingratidão [...] como a volubilidade, se o carinho e a agressão forem entendidos como modos de ser de uma mesma pessoa.” (CANDEIAS, s.d., p. 3) A rápida deterioração das coisas comparadas à imortalidade da ingratidão constroem o poeta: “A existência seja ela ‘espiritual’ ou material, é comparada ao rápido acender e apagar do fósforo [...] encontram-se, aqui, novamente a concepção de ausência de sentido da vida e a comparação entre o ser humano e a matéria.” (CANDEIAS, s.d., p. 4)⁶.

⁶ Interessante observar que há outro poema onde ele retoma a ideia do fósforo como símbolo de transitoriedade, cujo nome é: Mistérios de um fósforo: “O enterro de minha última neurona/Desfila...E eis-me outro fósforo a riscar/E esse acidente químico vulgar/Extraordinariamente me impressiona.” (ANJOS, 2012, p. 128). O fósforo une o uso de elementos químicos como parte de sua poética, bem como, expressa a rapidez da chama que apaga. O acidente químico do fósforo riscado é vulgar, talvez, de maneira similar ao elemento fósforo presente na constituição do corpo humano, que após a flama fugaz da vida, será putrefato na cova.

Em suas poesias, Augusto dos Anjos convive com a dúvida, mas em nenhum momento declara um ateísmo extremo. Alguns interpretam que ele deseja redenção por meio da experiência estética (GULLAR, 1995). Como vemos em *Eu*, seu teísmo e entendimento sobre pontos da teologia são frequentemente expressos: “Seria a mão de Deus?! Mas Deus enfim/É bom, é justo, e sendo justo, Deus, /Deus não havia de magoarme assim!” (ANJOS, 2012, p. 97). De maneira poética, Augusto dos Anjos expressa sua teodiceia pessoal.

No poema abordado, o eu lírico depara-se com a realidade do outro, do comportamento apropriado num mundo de feras. Surge a temática da “quimera” que reaparece em muitos dos seus poemas. A quimera é a representação de seus idealismos, seus sonhos são a quimera. Isso é revelado em um de seus poemas: “Quem me dera viver entre quimeras.” (ANJOS, 1910, s.p.) A decepção do poeta é pressuposta, o enterro de sua última quimera é uma realidade. Entretanto, o poeta não está de luto apenas, ele é: “Como um coveiro a sepultar quimeras.” (ANJOS, 1910, s. p.).

O que segue são imperativos execráveis. Talvez sua reação à rejeição e a relacionamentos complicados o levou à conclusão da ingratidão universal. Um dos tópicos percebidos na poética anjiana é o grotesco. Essa categoria literária tem sido alinhada com o período do Romantismo, e, sendo enquadrada como subproduto do cômico ou como algo ligado ao fantástico. Vários elementos podem ser constituintes do grotesco, como: “o hibridismo entre contrários, as metamorfoses abruptas, a loucura, o universo onírico, o absurdo, o riso entremesclado pelo terror, a intervenção do sobrenatural no cotidiano, e demais recursos que visam expressar a obra de arte por meio da surpresa com o fim de provocar, especialmente, o estranhamento.” (SANTOS, 2009, s. p.). Essa estética do grotesco é instrumento de estranhamento.

Retomando a ideia do coveiro de sua própria quimera, o soneto “Vandalismo” corrobora com essa ideia. Apesar da dor do luto, e da decomposição que resta, degradação de todas as relações, o vândalo é o próprio eu-lírico:

Meu coração tem catedrais imensas
Templos de priscas e longínquas datas
Onde um nune de amor, em serenatas
Canta a aleluia virginal das crenças.

Na ogiva fúlgida e nas colunatas
Vertem lustrais irradiações intensas
Cintilações de lâmpadas suspensas
E as ametistas e os florões e as pratas.

Como os velhos Templários medievais
Entrei um dia nessas catedrais
E nesses templos claros e risonhos...

E erguendo os gládios e brandindo as hastas
No desespero dos iconoclastas
Quebrei a imagem dos meus próprios sonhos! (ANJOS, 2012, p. 104).

A metáfora da catedral impera nesse soneto. A alma do poeta é retratada como uma grande catedral. O tema religioso é óbvio; não são referências dessacralizadas. Essa é bela, antiga, é berço das primevas crenças. A ideia das crenças virginais aparece ambígua: seriam antigas em relação a história ou a ele mesmo? O segundo caso parece ser favorecido pelo simples fato de que o abrigo dessas catedrais são o seu próprio coração. A imagística é intensa nesse soneto: “[...] a poesia anjina apresenta um talento ímpar de criar metáforas e atmosferas de grande expressividade. Eis um aspecto ao qual também se pode fazer aproximações entre a sua obra e a estética expressionista.” (NETO, 2000, p. 16).

Faz, então, referência às ações dos cavaleiros templários, que em cruzadas trilharam um caminho avesso à igreja. Pode-se encontrar esse tema recorrente em Augusto dos Anjos, pois ele crê em Deus, mas não na igreja. O padre que é salvo para ele, é o padre que desobedeceu: amou uma moça. A expressão: Cristo dos altares, como correlata à tradição católica, foi usada por ele de forma “profana” ao desejar uma mulher como o “Cristo sagrado dos altares.”⁷. Como um desviante, ele é iconoclasta. Mas não frio e calculista, é um iconoclasta desesperado. Esse desespero provém de seu conflito, mas o certo é que ele quebra: destrói a imagem dos seus próprios sonhos, sua quimera pessoal.

⁷ In: *ideal*.

“O poeta do hediondo” é o resumo de sua tarefa poética, e, informativo sobre como ele se sentia acerca de si mesmo:

Sofro aceleradíssimas pancadas
No coração. Ataca-me a existência
A mortificadora coalescência
Das desgraças humanas congregadas!

Em alucinatórias cavalgadas,
Eu sinto, então, sondando-me a consciência
A ultrainquisitorial clarividência
De todas as neuronas acordadas!

Quanto me dói no cérebro esta sonsa!
Ah! Certamente, eu sou a mais hedionda
Generalização do Desconforto

Eu sou aquele que ficou sozinho
Cantando sobre os ossos do caminho
A poesia de tudo quanto é morto! (ANJOS, 2012, p. 145).

Há um ritmo agonizante do processo mental anjiano que é expresso em termos sonoros numa beleza de alto porte. A musicalidade dos poemas de Augusto dos Anjos é notável. Essa aparece em termos de: “[...] dissonância é acentuada quando aos termos científicos juntam-se palavras ou expressões de cunho coloquial.” (NETO, 2000, p. 26). A questão da dissonância remete à música moderna e seu serialismo e dodecafonismo. Privilegia-se a harmonia em detrimento da melodia. A primazia da melodia é derrubada. Isso não quer dizer total confusão: ainda há harmonia em meio a vozes dissonantes.

Pancadas, ataques, galopadas; um cérebro que não permite ao escritor nenhum tempo de paz. O que o ataca é a miséria humana. É filosofar, é pensar na condição do ser humano. Mas não somente o outro o atinge, é sua consciência que o acusa. Ele já a retratou como um morcego sedento de sangue que o vem visitar a noite, de cuja presença é impossível se ausentar. Durante um bom tempo o morcego teve um significado negativo por sua relação com a noite (escuridão) e com o sangue, já que muitos deles são hematófagos, além de terem uma aparência estranha. Sua solitária missão⁸, como arauto

⁸ “Sistematizo, soluçando, o Inferno / E trago em mim, num sincronismo eterno, / A fórmula de todos os destinos!” (ANJOS, 2012, p. 147).

da morte, como o proclamador da brevidade de vida é cantar, é demonstrar em sua lira que o caminho de ossos logo ganhará novos ossos: os seus.

Uma figura pueril é recorrente em seus poemas: a tamarindo. Uma árvore que povoa suas memórias de menino na Paraíba. Demonstra saudade daqueles tempos: “Rola no mundo um canto de saudade! / Tamarindo de minha mocidade, [...]” (ANJOS, 2012). Essa lembrança se torna sua companheira nos tempos difíceis: Vamos, meu desgraçado tamarindo, / Por esta grande noite abandonada...” (ANJOS, 2012) A questão ressaltada aqui é o refúgio que o protege e que o magoa, visto não poder ser revisitado, em suas próprias palavras: “À sombra dum verdoengo tamarindo/ Que representa a minha infância morta!” (ANJOS, 2012)

Outra voz emerge de poética de Augusto dos Anjos, segue um poema nessa linha reverente em relação a Deus:

Sabes que é Deus? Esse infinito e santo
Ser que preside e rege os outros seres,
Que os encantos e a força dos poderes
Reúne tudo em si, num só encanto?

Esse mistério eterno e sacrossanto,
Essa sublime adoração do crente,
Esse manto de amor doce e clemente
Que lava as dores e que enxuga o pranto?

Ah! Se queres saber a sua grandeza
Estende o teu olhar à Natureza,
Fita a cúp'la do Céu santa e infinita!

Deus é o Templo do Bem. Na altura imensa,
O amor é a hóstia que bendiz a crença,
Ama, pois, crê em Deus e... sê bendita!
(ANJOS apud ALMEIDA, 2013, p. 120).

Claramente o poeta coloca-se como alguém que pressupõe a existência do Deus Cristão, e não somente isso, ele é o seu arauto. A hóstia traz elementos católicos à escrita. Exorta o leitor a crer nesse Deus. O amor é comunhão, é crer que Ele existe. Deus é revelado como bom, belo e soberano. Entretanto, Ele permanece misterioso para o poeta, mas um mistério que leva a adoração.

O eu-lírico exorta à crença, essa visa a beatitude. Amar, crer, e ser bem-aventurado são passos lógicos. Será que o eu-lírico estava indicando um caminho pelo qual ele não ousava caminhar? Ele pergunta quem é Deus, e ele mesmo responde, pois sabe a resposta. Sabe onde encontrá-lo: na natureza.

Essa peculiar visão do mundo e essa prospecção dos abismos da existência humana encontram no materialismo, no monismo e no evolucionismo os conceitos apropriados para a expressão da angústia e do desconforto existenciais. Assim, o pessimismo e uma visão materialista e perplexa da vida manifestam-se como impressões recorrentes nos tons sombrios e lúgubres em sua poesia. A morte assume-se como termo final da existência e dissolve toda expectativa de conforto lenitivo em qualquer eventual esfera de vida espiritual. O abismo existencial da vida meramente material espelha-se na decomposição física dos corpos em putrefação. Porém, existem outras vozes na sua lírica. A polifonia pode ser reduzida a duas: o místico e o cético. Não se pode reduzir Augusto dos Anjos a algo menor do que essas duas vozes.

A dualidade que massacrava Augusto dos Anjos é demonstrada no poema Vítima do dualismo:

Ser miserável dentre os miseráveis
Carrego em minhas células sombrias
Antagonismos irreconciliáveis
E as opostas idiosincrasias

Muito mais cedo do que imagináveis
Eis-vos, minha alma, enfim dada às bravias
Cóleras dos dualismos implacáveis
E à gula negra das antinomias!

Psiquê biforme, o Céu eu Inferno absorvo
Criação a um tempo escura e cor-de-rosa
Feita dos mais variáveis elementos

Ceva-se em minha carne, como um corvo
A simultaneidade ultramonstruosa
De todos os contrastes famulentos!
(ANJOS, 2012, p. 152)

Antagonismos, opostos, dualismos, antinomias, simultaneidade, contrastes: essa é a alma do eu-lírico. Enxerga-se miserável por carregar num corpo só o tanto de duas almas. As opostas idiosincrasias, aquilo que é mais próprio, disputam dentro dele. As antinomias são retratadas como tendo um paladar cruel: o consomem. O escuro e o cor-de-rosa, provavelmente remetem-se às cores do céu ao entardecer (rosa) e no meio da noite (escuro). A proximidade da beleza da tardezinha e a solidão da alta-noite refletem a proximidade da ambivalência interna do poeta.

Esse auto-olhar, muitas vezes piedoso e miserável, em sua carne; revela o eu-lírico. Ele não está satisfeito com a situação, ou seria apenas recurso retórico para estetizar sua obra? Sentia-se mesmo miserável? Sua vida não parece negar seu dualismo, mantinha-se a distância segura da igreja, e à distância segura de seus próprios sofrimentos.

Outro soneto seu expressa com maior clareza esse ponto:

Desci um dia ao tenebroso abismo,
Onde a dúvida ergueu altar profano;
Cansado de lutar no mundo insano,
Fraco que sou, volvi ao ceticismo.

Da Igreja - a Grande Mãe - o exorcismo
Terrível me feriu, e então sereno,
De joelhos aos pés do Nazareno
Baixo rezei, em fundo misticismo:

- Oh! Deus, eu creio em ti, mas me perdoa!
Se esta dúvida cruel qual me magoa
Me torna ínfimo, desgraçado réu.

Ah, entre o medo que o meu Ser aterra,
Não sei se viva p'ra morrer na terra,
Não sei se morra p'ra viver no Céu!
(ANJOS apud MARGUTTI, 2013, p. 47).

Aqui vê-se a dualidade de maneira extrema. A dúvida que é considerada falta diante do deus que é duvidado. Diante da vida, ele duvida, mas ainda há um resquício de crença. A dúvida o divide, no abismo de sua alma, ao invés de sacrossantas catedrais ergueu-se um altar profano: a dúvida. A luta, o desferir dos golpes da realidade é usado como motivo para o ceder ao ceticismo. “Ataca-me a existência”; o confrontar-se com a vida real quebra a crença.

Diante disso, segue o exorcismo da igreja mãe: católica. Mais uma vez aparece a cisão com a igreja formal, a igreja o fere, e ele busca abrigo em oração aos pés de Jesus. Seu dualismo o leva a uma decisão, mas ele não sabe decidir! Aqui parece haver intertextualidade com as palavras do evangelho de que “aquele que perde a vida a ganha” (Jo. 12:25). Ele não sabe qual é o seu valor ainda, morrer para viver ou viver para morrer? A dúvida é seu pecado, a decisão não chega; uma das vozes tem que morrer para que a outra vida, mas isso não acontece em sua poética.

Em um de seus poemas denominado “soneto”, percebe-se o dualismo anjiano expresso em termos *post mortem*: “E o mar chamou-a para o fundo abismo! /E o céu chamou-a para o Misticismo. /Nesse momento a Lua vinha calma/” (ANJOS, 2012). Como já pontuado, a letra maiúscula, própria do simbolismo, expressa o transcendental na poesia. O abismo espera o corpo inerte, a carcaça que há de ser consumida pelos vermes tanto amados pelo poeta. Um chamado é emitido, uma atração irresistível para o corpo, e uma igual para a alma. Nesses dois andares encontram-se materializados na forma de esperança o dualismo fônico do poeta.

A unidade ansiada pelo poeta paraibano reflete que posição teológica? Algo semelhante às religiões orientais onde os particulares convergem no todo. Numa cosmovisão cristã, a humanidade também perfaz um todo, identificada em seu patriarca primordial: Adão. Também há no Cristianismo uma união do crente com a humanidade em termos de empatia e amor. Como descrevemos acima, a tendência de Augusto dos Anjos recai sobre um tipo de budismo. Mesmo assim, a visão anjiana não se alinha totalmente à cosmovisão oriental, pois, essa nega o sofrimento diante da realidade do todo. Deve-se lembrar, que não é somente religiosa sua visão, mas também entremeada pela ideia das mônadas de Spencer e Haeckel, bem como o evolucionismo. Diante dessas informações, a cosmovisão que emerge dos poemas especialmente de “Eu” é uma espera pela dissolução no todo que não nega o sofrimento dessa expectativa. Nesse contexto, o verme é Deus, pois faz, inerte, a nossa transposição. É o Evangelho da podridão. As boas novas que ele traz são a libertação dessa terrível condição, que mesmo que terrível é nossa maneira de passar além para algum Misticismo.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se a riqueza da poética anjiana. Também, como o uso da intertextualidade/intratextualidade abrem-se inúmeros caminhos de abordagem nessa poética. Os discursos de anseio são audíveis em Augusto dos Anjos, suas vozes conflitantes, que por vezes entram em dissonância, são harmonizadas num belo arranjo pelo poeta paraibano. Pela intertextualidade pode-se em vez de individualizar o determinante biográfico, coletivizar a obra ao conectá-la ao horizonte do mundo textual compartilhado do autor com os seus leitores. Uma atmosfera de referências que o autor intencionalmente ou não insere em sua obra, e que é captada por seus leitores.

Aplicar tais conceitos à obra poética é de suma importância, pois, o poeta é um ser que carrega consigo uma subjetividade que cria uma realidade extremamente plurissignificante, na qual expressa suas emoções e sentimentos. Com isso, o poema se torna uma espécie de entidade que transmite cultura e que gera uma aprendizagem significativa. Ao ler um poema, o leitor tem a possibilidade de adentrar em um mundo diversificado e ir além de uma análise puramente estrutural. É preciso sentir a poesia, antes mesmo de tentar fazer qualquer interpretação primária. A leitura poética não deve ser concebida de maneira despretensiosa, pelo contrário, é essencial que exista uma ambição em querer aprender e entender as ramificações e pluralidades da literatura.

Augusto dos Anjos e sua poética, ao serem abordados por essa ótica, demonstram toda a riqueza do poeta. Oferece-se, assim, outro olhar sob sua poética. Sua sinceridade, seu desejo de compreender, mesmo crendo, ele defrontava-se com o espanto do mundo, mas isso não causava a ele uma admiração infantil, mas a dor da realidade constantemente lhe assolava.

Nessa perspectiva, a opção pelo materialismo em detrimento do espiritualismo, o soneto rigoroso pela metrificação, o pensamento profundamente pessimista, o distanciamento entre sujeito e seu objeto revelam-se como características parnasianas nessa obra poética; por outro lado, decorre da estética simbolista a opção pelo vocabulário raro e erudito, pela imagem hermética, pelas reticências e exclamações, pelo profundo

mal-estar e certas associações de ideias. Destarte, a obra de Augusto dos Anjos é avessa a classificações estanques quanto a estilos e correntes literárias.

Assim, a poesia de Augusto dos Anjos é pré-modernista no sentido próprio do prefixo “pré”, ou seja, essa poesia antecipa características que serão marcantes no Modernismo. Em Augusto, ademais, a palavra espreita as mais nebulosas áreas da linguagem para expressar um profundo desencanto diante dos abismos insondáveis da existência humana.

O trabalho se propôs a lançar um olhar sobre Augusto dos Anjos. Como um olhar entre tantos, se torna uma provocação ao próprio autor e outrem para seguir por essa trilha. Procurar refinar os conceitos de Teologia e Literatura, bem como investigar com maior largueza a poética anjiana. A intertextualidade e a pesquisa por discurso religioso em poética não-religiosa é um campo vasto e pronto para visitaçào.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

_____. **Poesia imatura**. Livro digital (Epub), 1910.

ALMEIDA, Verucci Domingos de. O otimismo na poesia de Augusto dos Anjos. **Miguilim – Revista eletrônica do Netili**, Crato, v. 2, n. 2, p. 111-129, ago. 2013.

BARCELLOS, José Carlos. Literatura y Teología. **Revista Teología**. Buenos Aires, Tomo XLV, n. 96, p. 289-306, ago. 2008.

BINGEMER, Maria Clara. **Teologia e Literatura**: afinidades e segredos compartilhados. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC, 2015.

BLANCH, Antonio Xiró. **El Hombre Imaginario**: Uma antropologia literária. Madrid: PPC, 1992.

BUENO, Alexei (org. e introdução). In: ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012

CANDEIAS, Daniel Levy. **Uma leitura semiótica de “versos íntimos”, de Augusto dos Anjos**. São Paulo: Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP, s.d.).

CANDIDO, Antônio. **Iniciação à literatura brasileira**: resumo para principiantes. São Paulo: Humanitas, 1999.

CANTARELA, Antônio Geraldo. **A pesquisa em teopoética no Brasil**: pesquisadores e produção bibliográfica. Horizonte. Minas Gerais, v 12, n 36, p 1228-1251, out./dez. 2014.

CEIA, Carlos: s.v. "Poética". E-Dicionário de Termos Literários (EDTL), coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <<http://www.edtl.com.pt>>, consultado em 23/11/2016.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de Sentido**: um psicólogo no campo de concentração. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2015.

GULLAR, Ferreira. **Toda a poesia**: com um estudo crítico de Ferreira Gullar. São Paulo: Paz e Terra, 1955.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2012.

LITERATURA Brasileira. **Apostila de Literatura Brasileira** oferecida pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Paraná, 2010.

MANZZATO, Antônio. Teologia e literatura: bases para um diálogo. **Interações** – Cultura e Comunidade, Belo Horizonte, v. 11, n. 19, p. 8-18, jan./jun. 2016.

MARGUTTI, Paulo. In: FILHO, Carlos (org.) **Aragem do Sagrado**: Deus na Literatura contemporânea. São Paulo: Loyola, 2013.

MARIANI, Ceci Baptista; VILHENA, Maria Angela (orgs.) **Teologia e arte** (livro eletrônico): Expressões de Transcendência, caminhos de renovação. São Paulo: Paulinas, 2012. 1 Mb; ePUB.

MOISÉS, Leyla Perrone. **Texto, Crítica, Escritura**. São Paulo: Ática, 1978.

NETO, Henrique Duarte. A poesia dissonante de Augusto dos Anjos. **Anuário de Literatura** 8, 2000, p. 157-180.

OLIVEIRA, Rafael Soares de. **O poeta do hediondo**: Feísmo e Cristianismo em Augusto dos Anjos. 2008. 101 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SANTOS, FRS. **Lira dissonante**: considerações sobre aspectos do grotesco na poesia de Bernardo Guimarães e Cruz e Sousa[online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

SILVA, Cácio. **Fenomenologia da religião**: compreendendo as ideias religiosas a partir de suas manifestações. São Paulo: Vida Nova, 2014.

VILLAS-BOAS, **Teologia em diálogo com a literatura**: origem e tarefa poética da teologia. São Paulo: Paulus, 2017.